

CEDI

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: 1500

Data: 26/08/82 Pg.: \_\_\_\_\_

## Civilizado era ele

Souto Dourado

Das primeiras perguntas, ele irritou-se: sobre mulheres e filhos não responderia. Foi preciso que Roberto D'Ávila — Coordenador do Canal Livre (Rede Bandeirantes) — avisasse que aquelas indagações de natureza pessoal faziam parte da técnica do programa. A partir daí, ele não mais se ofendeu. Ciente de que os brancos queriam mesmo invadir a sua privacidade, decidiu que responderia tudo que lhe fosse perguntado.

A época dessa entrevista, a imprensa noticiou um assalto a um apartamento milionário na zona sul do Rio de Janeiro. Um dos assaltados, que não fora roubado, confessou-se frustrado, declarando que preferia que lhe tivessem levado um milhão de cruzeiros — já há alguns meses — contanto que a sua fotografia tivesse aparecido na primeira página do "Jornal do Brasil". Ser notícia, mesmo sendo roubado, agrada mais ao branco — de uma certa classe e uma certa mentalidade — do que ao índio. Aparecer na televisão, mesmo revelando hábitos e particularidades, é tão gratificante ao branco como constrangedor ao índio.

O seu Deus — explicou Juruna — era uma coisa (ente) limpa. Segui-lo era ter a consciência limpa. Não matar (o arsenal nuclear de então era suficiente para destruir 60 vezes o mundo!), não roubar e respeitar o próximo, são os princípios básicos da sua conduta ou religião. Para ele, o missionário se preocupava muito com o pecado; mais com a alma do que com as condições de vida dos índios (irmãos). Foi quando o jornalista Fausto Woff lembrou a posição hoje da Igreja, o seu trabalho em favor dos pobres e das minorias (inclusive dos índios), enaltecendo a ação dos bispos Dom Pedro Casadáliga e Dom Balduino, entre outros.

Declarou Juruna, mais adiante, que não tinha capital e nem se empenhava em consegui-lo. Quando comparecia a congressos (esteve no "Bertrand Russel") e participava de encontros nas universidades, recebia passagens e hospedagem. Quando moço, trabalhara como escravo para um posseiro. Mas um dia sentira saudade (índio também sente!) da sua mãe e voltara para a tribo.

Não declarava imposto de renda; do Leão não tinha medo. Medo mesmo sentira do homem, que lhe parecera um bicho quando o viu pela primeira vez... Em

vez de devedor, sentia-se Juruna credor do Governo. No seu entender, o INCRA e a FUNAI só fazem prejudicar.

Pelé não podia fazer propaganda de um produto multinacional, por que ele — um índio — não podia anunciar o seu, fabricado com ervas nativas? Ao ser perguntado se as multinacionais dominavam o País, não respondeu sim ou não. Desconfiava apenas... Cabelo, usava como queria; ninguém fazia a sua cabeça; na sua cabeça quem mandava era ele.

E ainda disse que gostaria que os índios fossem deslocados dos seus lugares para um novo território; do mesmo modo — argumentou — que os cariocas não gostariam de ser expulsos do Rio de Janeiro. Nele tanto existe respeito à mulher como amor à terra, ou seja, um profundo sentimento pela nação brasileira.

Juruna acha que o branco tem 50 papos (duas palavras) e por isso andava de gravador para provar que as promessas feitas não eram cumpridas. Mas depois que ouvira a palavra oficial transformar-se em mentira oficial, desistira do gravador.

Cercado de brancos — com ele apenas outro índio — enfrentando ao vivo a televisão, respondendo à malícia com sinceridade, dizendo-se sem capital numa sociedade capitalista, conservando o seu pudor num mundo que quase não o possui — acredita que Juruna tenha comovido quem assistiu ao seu programa. Se pretenderam apresentá-lo como uma figura de folclore, enganaram-se redondamente. Diante dos seus sentimentos, da pureza e autenticidade reveladas, talvez fôssemos nós os índios, os carentes de civilização. O civilizado era ele.

Agora na política — que tanto engrandece como aniquila — temo por Juruna: que se destrua nele o que existe de puro e simples; que ele comece a imitar o branco, que se perca na mentira, na inveja e na ambição. Agora, em vez de gravar as promessas dos brancos, são os brancos que estão gravando as suas promessas no rádio, na televisão e nos comícios. Temo que ouça um dia a sua voz desmentindo a sua própria voz, negando o que afirmou, não cumprindo o que prometeu. E talvez sinta um gosto de cinzas, de amargura; talvez queira voltar para suas origens, trocando a cidade grande onde se perdeu — pela tribo — para reencontrar-se, talvez seja tarde demais.